



PETER J.
WILLIAMS

A SURPREENDENTE
GENIALIDADE DE
JESUS

O que os Evangelhos
revelam sobre o maior
de todos os mestres


VIDA NOVA

Esse estudo fascinante mostra como as parábolas de Jesus, como a Parábola do Filho Pródigo, não são apenas histórias extraordinárias, mas também tesouros preciosos de alusões estimulantes ao Antigo Testamento. Embora breve, o livro contém um manancial de sabedoria, a qual permitirá ao leitor de nossos dias compreender com mais propriedade as parábolas presentes em Lucas, desse modo ajudando-o a entender melhor o que significa ser discípulo de Jesus. Uma leitura cativante e esclarecedora!

Simon Gathercole, professor de Novo Testamento e de Cristianismo Antigo, Cambridge University.

Nesse livro provocativo e apaixonante, Peter J. Williams vai além da superfície das parábolas atribuídas a Jesus nos Evangelhos. O autor nos ajuda a enxergar como elas interagem habilmente com alusões ao Antigo Testamento e de que maneira as evidências remetem novamente a Jesus de Nazaré, o criador dessas parábolas.

Rebecca McLaughlin, autora de *Confronting Jesus: 9 encounters with the hero of the Gospels*.

A parábola de Jesus sobre o Filho Pródigo é uma obra-prima na contação de histórias ao longo dos séculos. Ela não apenas tem um impacto profundo sobre povos de todas as culturas, como também é constituída, de forma intrincada e poética, de fartas alusões às narrativas do Antigo Testamento, sobretudo as que dizem respeito a Jacó e Esaú. Outras parábolas exibem as mesmas características. Quem quer que as tenha composto merece ser chamado de gênio, e Jesus (e não qualquer um de seus seguidores) é o melhor candidato a esse posto. *A surpreendente genialidade de Jesus*, apesar de breve, está repleto de observações sobre os ensinamentos de Jesus e deverá levar o leitor a admirá-lo ainda mais.

Craig L. Blomberg, professor titular emérito de Novo Testamento, Denver Seminary.

Um estudo tanto erudito quanto cativante sobre um homem que foi, seja lá o que você pense a respeito dele, sem dúvida alguma, o contador de histórias mais brilhante e influente de todos os tempos.

Tom Holland, apresentador do programa de rádio *Making History* e autor de *Domínio: o cristianismo e a criação da mentalidade* (Record).

Um livro fascinante, provocador e importante, que apresenta uma tese envolvente e persuasiva.

Justin Meggitt, professor adjunto de Estudos da Religião e pesquisador do Wolfson College, Cambridge University.

Quem quer que tenha criado a Parábola do Filho Pródigo deve ter tido um conhecimento forense e um entendimento profundo do Antigo Testamento, bem como uma capacidade inigualável de se relacionar com gente simples e de confundir e sobrepujar os superinteligentes. A pessoa que proferiu aquelas palavras sabia o que estava fazendo, suas intenções e argumentação são expostas com nitidez para quem queira levá-las a sério. O livro de Peter J. Williams é excelente, descomplicado e se destaca por abordar a sabedoria impactante do ensino de Jesus, além de apresentar Cristo de forma acessível a todos, ainda que contendo conhecimento suficiente para confundir até mesmo os intelectuais.

Tim Farron, membro do Parlamento do Reino Unido.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
Introdução	13
1. Uma história extraordinária	19
2. Conexão com Gênesis	45
3. Mais histórias inspiradas pelo Antigo Testamento.....	77
4. Jesus foi um gênio?.....	97
5. Muito mais do que um contador de histórias.....	115
<i>Índice de assuntos</i>	121
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	127
<i>Índice de fontes antigas</i>	137

PREFÁCIO

Este livro é sobre a perspicácia de Jesus. Defende tanto que o ensino perspicaz é atribuído a Jesus quanto que Jesus efetivamente expressou aquelas ideias perspicazes. Minha esperança é de que, ao fim da leitura, o leitor cristão sintase novamente fascinado pela profundidade das palavras de Jesus; e que o não cristão compreenda a genialidade de Jesus e admita que ele precisa ser mais do que um mestre dotado de um dom extraordinário. A maior parte da obra diz respeito a uma única passagem, Lucas 15.11-32, e de como ela constitui uma história extraordinária, reflexo da mente de um gênio. Para uma aplicação desse texto aos dias atuais, nunca será demais recomendar *The prodigal God* de Timothy Keller.¹

Agradeço aos membros do conselho diretor da Tyndale House, Cambridge, o tempo que me foi concedido para escrever este livro e aos meus muitos amigos que se dispuseram a ler o rascunho desta obra e fazer sugestões para que se tornasse uma obra melhor. São eles, entre outros, Esther Atsen, James Bejon, Keith Bintley, Ezra Brainard, Dr. John Hayward, Miriam Hulley, Dr. Dirk Jongkind,

¹*The prodigal God: recovering the heart of the Christian faith* (New York: Dutton, 2008) [publicado em português por Vida Nova sob o título *O Deus pródigo: recuperando a essência da fé cristã*].

Zachary Klein, Demsin Lachin, David Laing, Dr. Stephen Lloyd, Stephen McCausland, Greg e Jennifer Mayer, Dr. Kaspars Ozoliņš, Toby Payne, Lily Rivers, Cristo Rodriguez, Kathryn Williams (minha melhor metade), Tim Williams (um incrível irmão mais velho) e Jordan Worley.

INTRODUÇÃO

*Descobri que, de modo inconsciente, havia sido
treinado para admirar Jesus em tudo,
exceto em sua perspicácia.*

KENNETH BAILEY

Finding the lost [Encontrando os perdidos]¹

Ao longo dos anos, milhares de pessoas foram chamadas de gênios.² Aristóteles (384-322 a.C.), Leonardo da Vinci (1452-1519), Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) e Albert Einstein (1879-1955) estão entre os mais famosos. Contudo, o termo “gênio” quase nunca é aplicado a Jesus de Nazaré.³ Cerca de dois bilhões de cristãos dirão que seguem seus ensinamentos, um contingente maior do que o de qualquer outra pessoa em toda

¹*Finding the lost: cultural keys to Luke 15*, Concordia Scholarship Today (St. Louis: Concordia Publishing House, 1992).

²É possível encontrar na Amazon milhares de biografias com o termo “gênio” no título (em março de 2022, estimava-se mais de quatro mil).

³Uma exceção é o recente livro motivacional de Erwin Raphael McManus, *The genius of Jesus: the man who changed everything* (New York: Convergent, 2021).

a história que tenha ensinado preceitos. No entanto, para a maior parte dos cristãos com os quais me deparo, a inteligência de Jesus é muito mais provavelmente o corolário necessário de sua natureza divina do que a manifestação de coisas específicas que ele disse, e que são exemplos de um intelecto notável. A imagem de mestre que se tem de Jesus, conforme observa com ironia o filósofo cristão Dallas Willard, “não é, francamente, a de uma pessoa dotada de grande competência”.⁴

Um dos motivos pelo qual outros são considerados gênios e Jesus não, talvez seja em virtude de seu legado. Aristóteles deixou livros de filosofia e de análise; da Vinci, invenções e pinturas sofisticadas; Mozart, uma música sublime; Einstein, teorias que são fundacionais para a física moderna. E Jesus? Ele nunca escreveu um livro. Poderíamos dizer que o cristianismo é o seu legado? O problema é que a arte, a história, as instituições, a filosofia etc., do cristianismo, com frequência, são entendidas como uma *resposta* a Jesus, e não algo que ele tenha concebido. Ao menos estamos de acordo com o fato de que muitas coisas que levam o rótulo de cristianismo em nada se relacionam com os ensinamentos de Jesus.

Este livro defende que Jesus deve ser considerado um gênio, e não simplesmente porque uma multidão alega segui-lo, mas também pela perspicácia e pela sabedoria de seus ensinamentos. Os ensinamentos atribuídos a ele combinam notável conhecimento factual com uma impressionante profundidade de discernimento, coerência e simplicidade ainda superiores. Ele efetivamente foi capaz de ensinar, ao mesmo tempo, dois grupos com níveis de conhecimento muito diferentes. As evidências dos ensinamentos de Jesus encontram-se nos registros mais antigos a seu respeito, os quatro Evangelhos: Mateus,

⁴Dallas Willard, *The divine conspiracy: rediscovering our hidden life in God* (London: William Collins, 1998), p. 1 [publicado em português por Thomas Nelson Brasil sob o título *A conspiração divina: redescobrimos nossa vida oculta em Deus*].

Marcos, Lucas e João. Vale a pena investir aproximadamente nove horas na leitura do quarteto de uma só vez. Na verdade, com base em minha experiência, posso dizer que vale a pena estudá-los a vida toda. Se você tem dúvidas e não sabe se pode considerá-los fontes históricas fidedignas, convido-o a ler meu pequeno livro *Can we trust the Gospels?*⁵

Para acompanhar minha argumentação aqui, você não precisa acreditar que Jesus disse tudo o que é creditado a ele nos Evangelhos. Basta crer que os ditos atribuídos a Jesus vêm do âmbito da memória viva dele, levando em conta que até mesmo estudiosos céticos importantes datam os Evangelhos do primeiro século.⁶ Jesus Cristo foi executado na época em que Pôncio Pilatos era governador da Judeia (26-36 d.C.);⁷ e supondo que os quatro Evangelhos já estavam escritos por volta de 100 d.C. (creio que foi bem antes disso), o intervalo entre Jesus e os Evangelhos é simultaneamente curto o bastante para que estes sejam plenamente confiáveis e longo o suficiente para que sejam plenamente inconfiáveis. Logo, sozinho, esse

⁵Peter J. Williams, *Can we trust the Gospels?* (Wheaton: Crossway, 2018) [publicado em português por Vida Nova sob o título *Podemos confiar nos Evangelhos?*].

⁶De acordo com Bart D. Ehrman, acadêmico de destaque e cético, “A maior parte dos historiadores acredita que Marcos tenha sido o primeiro Evangelho a ser escrito, datando-o por vezes de meados da década de 60 e princípios da década de 70. Mateus e Lucas provavelmente foram escritos cerca de dez ou quinze anos mais tarde, talvez entre os anos de 80 e 85. João provavelmente foi escrito dez anos depois, em 90 ou 95”, *The New Testament: a historical introduction to the early Christian writings*, 2. ed. (Oxford: Oxford University Press, 2000), p. 43

⁷Veja, do historiador romano Tácito, *Anais* 15.44 [publicado em português por W. M. Jackson sob o título *Anais*], para evidências de que a execução de Cristo ocorreu quando Pilatos era governador da Judeia. Em *Antiguidades dos judeus* 18.89 [publicado em português por CPAD sob o título *História dos hebreus*], Josefo afirma que o mandato de Pilatos na Judeia foi de dez anos e que sua partida se deu pouco antes da morte de Tibério, em 16 de março de 37 d.C. Portanto, embora Pilatos possa ter governado até o início do ano 37 d.C., uma vez que Jesus foi executado na época da Páscoa, que ocorreu em fins de março ou em abril, a crucificação precisa ter ocorrido entre 26 d.C. e 36 d.C.

período não nos informa sobre o grau de confiabilidade desses escritos. Somente uma análise dos Evangelhos poderá responder a essa pergunta.

Nas páginas que se seguem, procurarei tanto mostrar a genialidade das palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos quanto explorar as melhores explicações para a origem dessas ideias perspicazes. Jesus teria sido um mestre comum com estudantes brilhantes que, de modo abnegado, creditaram a ele as ideias geniais deles?⁸ Ou Jesus foi um mestre muito inteligente que, por coincidência, teve discípulos inteligentes e, portanto, o crédito deve ser partilhado? Ou o próprio Jesus foi o gênio e à medida que seus discípulos demonstravam inteligência, estavam simplesmente refletindo a grandeza de seu mestre?

Para mim, a última explicação é a melhor, e quero tomar como evidência principal da genialidade de Jesus a história mais longa atribuída a ele, comumente conhecida como a Parábola do Filho Pródigo (Lc 15.11-32). Conforme veremos, apesar do nome, a história do filho pródigo fala de *dois* filhos, não de um apenas. Na Bíblia ela foi inserida depois de duas histórias com um elemento em comum: ambas apresentam algo perdido, uma ovelha e uma moeda. Ao me deter em uma história, não quero sugerir com isso que este seja o único exemplo da genialidade de Jesus ou o mais importante deles. A criatividade e a sabedoria dele aparecem em todos os seus ensinamentos, se os estudarmos detidamente. No entanto, como a ideia é que este livro seja breve, examinarei em profundidade apenas uma história, uma das mais destacadas, restando uma análise mais modesta às demais. Analisaremos somente as histórias de Jesus, nem sequer abordaremos seus sermões ou diálogos.

O primeiro capítulo deste livro explora a perspicácia na superfície da mais longa história atribuída a Jesus. No segundo, analiso

⁸No princípio, acreditava-se que Jesus fosse filósofo. Veja Jonathan T. Pennington, *Jesus the great philosopher: rediscovering the wisdom needed for the good life* (Grand Rapids: Brazos, 2020), p. 3-8.

a perspicácia dessa história pela maneira que ela traz à lembrança inúmeras histórias do Antigo Testamento. O terceiro investiga outras histórias atribuídas a Jesus e mostra que elas também apresentam o mesmo tipo de uso do Antigo Testamento. No quarto capítulo, destaco as razões pelas quais cremos que a perspicácia de todas as histórias de Lucas 15–16 remetem necessariamente a Jesus. O capítulo final relaciona o que aprendemos com a missão de Jesus de modo geral e analisa a maneira pela qual isso constitui um desafio para nós.

Capítulo 1

UMA HISTÓRIA EXTRAORDINÁRIA

Começamos nossa caça ao tesouro reunindo algumas das muitas pepitas de ouro dispostas na superfície da história mais longa atribuída a Jesus — são apenas 388 palavras no original grego.¹ O texto de Lucas 15.11-32, a despeito de sua brevidade, combina uma simplicidade fascinante na superfície com diversas camadas de significado mais profundo para quem estuda o Antigo Testamento.

Embora geralmente seja conhecida como a Parábola do Filho Pródigo, prefiro chamá-la de Parábola dos Dois Filhos, ou, ainda melhor, história dos dois filhos, uma vez que fala de *dois* filhos, e não de um. Designo-a de história, e não de parábola, não por desejar negar que se trata de uma parábola, mas em respeito ao fato de que Lucas 15.3 parece referir-se às três histórias de Lucas 15 como uma única parábola. Segue abaixo a íntegra do capítulo:

Aconteceu que todos os coletores de impostos e pecadores se aproximaram dele para ouvi-lo. Os fariseus e os escribas murmuravam: “Esse homem recebe pecadores e come com eles”. Ele lhes contou

¹De acordo com *Tyndale House Greek New Testament*.

a seguinte parábola: “Que homem, dentre vocês, que tenha cem ovelhas, tendo perdido uma, não deixará as 99 no deserto e sairá em busca da que se perdeu até encontrá-la? E, tendo-a encontrado, alegremente a coloca sobre os ombros. Ao chegar em casa, reúne os amigos e vizinhos e lhes diz: ‘Alegrem-se comigo porque encontrei minha ovelha que estava perdida’. Digo a vocês que, assim, haverá maior alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por 99 justos que não precisam de arrependimento.

Ou então, que mulher, tendo dez dracmas, e perdendo uma, não acenderá uma lâmpada e varrerá a casa diligentemente até encontrá-la? E, quando a encontra, chama suas amigas e vizinhas e lhes diz: ‘Alegrem-se comigo, porque encontrei a dracma que havia perdido’. Portanto, digo a vocês, há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”.

E prosseguiu: “Certo homem tinha dois filhos. E o mais jovem disse a seu pai: ‘Pai, dá-me a parte da herança que me cabe’. E ele dividiu suas posses entre os dois. Poucos dias depois, o filho mais jovem juntou tudo o que tinha e foi para um país distante e lá desperdiçou seus bens vivendo de maneira dissoluta. Depois de gastar tudo o que tinha, sobreveio uma fome severa naquele país, e ele começou a passar necessidade. Juntou-se então a um dos cidadãos daquele país, que o enviou a seus campos para alimentar os porcos. E ele queria comer as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. Caindo em si, disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm comida mais do que suficiente, mas eu aqui vou perecendo de fome! Voltarei para meu pai e lhe direi: “Pai, pequei contra o céu e diante do senhor. Não sou mais digno de ser chamado seu filho. Faça de mim um de seus empregados”’. Então, levantando-se, foi para seu pai. No entanto, quando ainda estava longe, seu pai viu-o e teve compaixão dele. Foi correndo ao seu encontro, abraçou-o e beijou-o. O filho então lhe disse: ‘Pai, pequei contra o céu e diante do senhor. Não sou mais digno de ser chamado seu filho’. O pai, porém, disse a seus empregados:

‘Rápido! Tragam a melhor roupa e vistam nele, coloquem um anel em seu dedo e sandálias em seus pés. E tragam o novilho gordo e o matem, vamos comer e festejar. Porque meu filho estava morto e agora está vivo novamente, estava perdido e foi achado’. E começaram a festejar. Ora, o filho mais velho estava no campo e, ao regressar, aproximando-se da casa, ouviu que havia música e dança. Chamou então um dos empregados e lhe perguntou o que estava acontecendo. ‘Seu irmão voltou. Seu pai mandou matar o novilho gordo, porque ele voltou com saúde’. Ele, porém, ficou irado e se recusava a entrar. O pai saiu e rogou que entrasse, mas ele disse ao pai: ‘Veja, estes anos todos trabalhei feito um escravo para o senhor. Nunca desobedeci uma ordem sua, mas o senhor nunca me deu um cabrito para eu festejar com meus amigos. E, agora que esse seu filho voltou, o filho que desperdiçou seus bens com prostitutas, o senhor mandou matar o novilho gordo para ele!’ E o pai lhe disse: ‘Filho, você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu. Mas era necessário que festejássemos e nos alegrássemos, porque esse seu irmão estava morto e agora está vivo novamente, estava perdido e foi achado’”.

Depois da frase inicial, “Certo homem tinha dois filhos” (cinco palavras em grego), a história divide-se entre o relato do filho mais jovem (239 palavras) e o relato do mais velho (144 palavras).² Como o mais novo responde por cerca de 62% do texto, e o mais velho, apenas 38%, é natural que o relato todo seja designado apenas pelo filho mais novo.³ Na cópia mais antiga de que dispomos, a história abarca apenas um parágrafo, sinal de que, quando o narrador a

²Na história, eles nunca são chamados de “irmão mais novo” e “irmão mais velho”. Por isso, vou chamá-los de “filho mais novo” e “filho mais velho”, embora, é claro, não esteja errado chamar a atenção para o fato de que se trata de irmãos, o que é um elemento importante da história.

³Isso já havia ocorrido no título que lhe dava a versão King James (a original, de 1611), que chamou essa seção de “A ovelha perdida e o filho pródigo”.